



Um olhar crítico sobre a *Maison des Petits*: O relatório de viagem de estudo da bolsreira Irene Lisboa (1933)

(A critical view of the Maison des Petits: the pedagogical travels of Irene Lisboa)

Joaquim PINTASSILGO

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

RESUMO: O presente texto contextualiza e apresenta o relatório de viagem de estudo de Irene Lisboa, educadora e escritora portuguesa, que fez, como bolsreira, um curso de dois anos no Instituto Jean-Jacques Rousseau de Genebra, tendo, a seguir, visitado instituições educativas em Bruxelas e em Paris. Enfatiza-se aqui a parte do relatório dedicada à *Maison des Petits*.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem pedagógica, Educação Nova, Educação de infância, Didática, Inovação.

ABSTRACT: This article presents a contextualised study of the account by Irene Lisboa, a Portuguese educator and writer, of her two-year research stay at the Jean-Jacques Rousseau Institute in Geneva and subsequent experiences at educational institutions in Brussels and Paris. The article focuses in particular on Lisboa's impressions of *the Maison des Petits* school in Geneva.

KEY WORDS: pedagogical tour; New Education; early childhood education; didactics; innovation.

Irene Lisboa (1892-1958) foi uma educadora e escritora portuguesa cuja trajetória de vida se desenvolveu ao longo do complexo período que vai do final da monarquia constitucional aos anos 50 do século XX, ainda em pleno Estado Novo, passando pela efêmera 1ª República¹. Os primeiros anos da sua educação escolar

¹ Maria Elisa Leandro, *Irene Lisboa educadora: Caminhos e (des)caminhos da educação de infância* (Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1997). Maria Elisa Leandro, "Lisboa, Irene do Céu Vieira", em *Dicionário de educadores portugueses*, ed. António Nóvoa (Porto: Edições ASA, 2003), 773-784. Rogério Fernandes, "Irene Lisboa e Áurea Judite do Amaral: Dois olhares sobre a escola a partir da Escola Nova", em *Viagens pedagógicas*, ed. Ana Christina Venancio Mignot e José Gonçalves Gondra (São Paulo: Cortez Editora, 2007), 217-245.

foram passados em regime de internato, primeiro no convento do Sacramento e depois no colégio Inglês em Lisboa. Em seguida frequentou o Liceu Maria Pia, o primeiro liceu feminino de Portugal e, então, ainda o único, que fora elevado a esse estatuto em 1906, sendo instalado num palacete do largo do Carmo em Lisboa. Aí conhece Ilda Moreira, iniciando-se uma amizade que permanecerá por toda a vida.

Em outubro de 1911, um ano após a proclamação da República, inscreve-se na Escola Normal de Lisboa para o sexo feminino, que funcionava no recolhimento do Calvário. Irene Lisboa tinha então 18 anos. Obtém o diploma de professora de instrução primária, com elevada classificação, em julho de 1914. Nesse mesmo ano a escola passou a mista, por via da fusão com a sua congénere masculina. Durante a frequência do curso, entre abril e setembro de 1913, dirigiu um jornal das estudantes da escola — *Educação Feminina* — que, como resultado da postura crítica adotada em relação à escola, seu edifício e professores, acabou por ser suspensa pela direção da mesma.

Em seguida Irene Lisboa inicia a sua atividade em escolas públicas da capital, chegando a professora efetiva numa escola do Beato, um bairro popular na zona oriental de Lisboa. Daí transfere-se para a escola da Tapada, em Alcântara, um edifício recente da autoria do arquiteto Raúl Lino, onde, em colaboração com Ilda Moreira, procura desenvolver um conjunto de experiências inovadoras próximas dos ideais da Educação Nova. Aceita, com a sua amiga, o desafio para aí dinamizarem duas “classes preparatórias” no âmbito da educação infantil, praticamente inexistente ao nível público, apesar da reforma de 1911 prever a sua criação. Irene Lisboa e Ilda Moreira preparam-se para essa tarefa, segundo confessam, efetuando, nas férias que antecedem o início do ano letivo, leituras de obras de Montessori, Decroly e Félix Klein. O interesse pela educação infantil leva-a a matricular-se no primeiro curso de especialização aberto na Escola Normal de Lisboa, que conclui em julho de 1923 com 19 valores. Entretanto, Irene Lisboa vai publicando artigos na imprensa pedagógica nos quais reflete sobre o seu trabalho, para além de iniciar a publicação, sob pseudónimo, de textos no âmbito da literatura infantil e juvenil, interesse que manterá ao longo da sua vida.

No ano letivo de 1929/30 obtém uma bolsa de estudos da recém-criada Junta de Educação Nacional para estudar no Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Genebra. Portugal já se encontrava, desde 1926, sob o regime da ditadura militar conservadora que antecede a institucionalização, entre 1932 e 1933, do Estado Novo autoritário. A bolsa será prorrogada por mais um ano letivo, o de 1930/31, de modo a que Irene Lisboa possa concluir o curso de ciências pedagógicas. No Instituto tem aulas com alguns dos mais famosos mestres de

Joaquim Pintassilgo e Áurea Esteves Serra, “A Educação Feminina (1913): Um projeto das normalistas de Lisboa”, em *A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores: Arquivo, história e memória*, ed. Joaquim Pintassilgo e Lurdes Serrazina (Lisboa: Edições Colibri, 2009), 79-98.

Genebra. Em carta ao seu amigo José Rodrigues Miguéis, também ele um futuro escritor de destaque, então bolsreiro em Bruxelas, confidencia: “Há aqui três professores que vale a pena ouvir: Claparède, Bovet e Piaget. Mas mais que ouvir, ler”². Realiza vários estágios noutra instituição emblemática da cidade, ligada ao Instituto, a *Maison des Petits*. Para a monografia final do curso, realiza uma investigação tendo por base a observação de um dos alunos da escola, trabalho esse, datado de 1931, que envia para a Junta de Educação Nacional. No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, a opinião que manifesta sobre essas duas referências institucionais da Educação Nova não é propriamente favorável. Na já referida correspondência com José Rodrigues Miguéis, chega a desabafar: “O Instituto e a *Maison des Petits* desconsolaram-me imenso. Quem cá tem vindo trazia muita poeira nos olhos: são uns gabarolas... Tudo me soa a falso. E de facto há aqui imensa artificialidade”³. É sobre a instituição em que estagiou que as suas observações são mais cáusticas: “A *Maison des Petits* é, como escola moderna, muito inferior. Professores agarrados a fórmulas que acharam, mas sem alma para derivar, continuar. E nenhuma graça, arte, naturalidade”⁴.

Concluída, com visível sucesso, a formação em Genebra, Irene Lisboa prolonga a missão, agora por sua conta, entre 1931 e 1932, permanecendo vários meses em Bruxelas, onde visita a escola de l’Hermitage, para além de alguns jardins infantis, e procura aprofundar o seu conhecimento sobre as propostas pedagógicas de Decroly e, em particular, sobre a noção de “centros de interesse”. Daí parte para Paris onde visita um conjunto de escolas maternas.

O Relatório final elaborado para a Junta de Educação Nacional, publicado em 1933 com vários outros relatórios de bolsreiros, e que contém mais de uma centena de páginas, inclui observações e reflexões sobre todas as instituições visitadas ao longo da missão e sobre os respetivos projetos pedagógicos e as atividades desenvolvidas, a que a autora acrescenta umas “Bases para um programa de escola infantil”. O documento que a seguir se apresenta corresponde ao relatório parcelar que é dedicado à *Maison des Petits*, vem com a data de julho de 1931 e apresenta Genebra como local de escrita. Este texto tem um interesse muito particular, pois nele a autora procura afastar-se do registo habitual dos relatórios de viagem a este tipo de instituições, consideradas exemplares, enveredando antes por uma análise acentuadamente crítica das estratégias observadas e relativizando o seu caráter inovador. Irene Lisboa mostra já possuir, nesta fase, um pensamento educativo muito próprio e uma capacidade de questionar entidades sacralizadas pela retórica subjacente aos discursos renovadores.

² Citado em Maria Elisa Leandro, *Irene Lisboa educadora: Caminhos e (des)caminhos da educação de infância* (Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1997), 126.

³ Citado em *ibidem*, 125.

⁴ Citado em *ibidem*, 126.

A autora elogia, naturalmente, ao longo do seu texto, diversas práticas de entre as desenvolvidas na *Maison des Petits* como, por exemplo, a importância atribuída ao colorido e a certos jogos como o de blocos para a construção, o uso de divisórias flexíveis para isolar os cantinhos de brincar, o incremento do tempo de jogo ao ar livre, a aplicação dos princípios montessorianos da autoeducação por meio do material e do ensino individualizado, entre outros aspetos. Assinala, inclusive, as melhorias verificadas entre um e outro dos anos em que assistiu a atividades. No entanto, as críticas negativas acabam por prevalecer, acima de todas a que se refere ao que considera ser a desvalorização das atividades livres e espontâneas da criança e, em paralelo, o enquadramento excessivo que é traçado pelas educadoras. Vejamos algumas dos excertos em que Irene Lisboa procura fazer um balanço mais geral da observação que fizera à instituição:

A ideia de educar e de disciplinar evidenciava-se. Na escola tudo correspondia a um fim preestabelecido e mantido [...]. Os trabalhos livres e de imaginação não estão muito em favor na «Maison des Petits» [...]. O espírito da escola é demasiado metódico e rigorista, prevalecem nela os exageros, as exigências de uma educação de curtos limites [...]. A meu ver, os educadores pretendem adaptar a escola à criança, observando-a na própria escola. Este meio é naturalmente repressivo e as liberdades que inspira acanhadas.⁵

Regressada a Portugal Irene Lisboa é nomeada, em maio de 1933, inspetora-orientadora do ensino primário e infantil. Nessas funções desenvolve atividades diversificadas, designadamente reuniões com professores e visitas a escolas, para além de proferir conferências e de publicar artigos em revistas pedagógicas. Ao mesmo tempo passa a lecionar as aulas de Pedagogia e Didática Especial na Escola do Magistério Primário de Lisboa, a instituição que sucedera, em 1930, à escola em que se formara, já então localizada no novo e monumental edifício de Benfica. Acompanha ainda a prática pedagógica das professoras do curso de especialização em Ensino Infantil. Alguns dos seus textos manifestam a satisfação que retirava desta última atividade.

Numa fase de endurecimento do regime autoritário e em que a repressão se começa a intensificar sobre quem se lhe opõe, designadamente educadores, Irene Lisboa é demitida das suas funções, em 1936, e colocada em tarefas de secretaria na então denominada Junta Nacional de Educação. Depois de recusar um lugar na Escola do Magistério Primário de Braga - nomeação que foi por ela interpretada como um exílio - acabou por optar pela aposentação. A partir daí dedica-se à literatura, sem deixar de publicar, com alguma regularidade, textos sobre problemas educativos e de manifestar as suas preocupações com a questão social, colabora com a *Seara Nova* e a *Presença*, mantém amizade e correspondência

⁵ *Relatórios das viagens de estudo dos bolseiros Áurea Judite do Amaral, Jaime Maximiano Gouveia Xavier de Brito, João de Sousa Carvalho, Irene do Céu Vieira Lisboa, José Claudino Rodrigues Miguéis, Ilda da Ascensão Moreira e António Leal de Oliveira* (Lisboa: Junta de Educação Nacional, 1933), 72, 73, 77 e 78.



com alguns dos principais intelectuais do campo da resistência ao regime como Fernando Lopes Graça, José Gomes Ferreira ou João Gaspar Simões e participa, pontualmente, em algumas ações da oposição ao salazarismo como no caso do Movimento de Unidade Democrática (MUD). Um dos seus principais trabalhos educativos, o livro *Modernas tendências da educação*, foi publicado em 1942 na Coleção Cosmos dirigida por Bento de Jesus Caraça.

Bibliografia

- Fernandes, Rogério. “Irene Lisboa e Áurea Judite do Amaral: Dois olhares sobre a escola a partir da Escola Nova”. Em *Viagens pedagógicas*, editado por Ana Christina Venancio Mignot e José Gonçalves Gondra, 217-245. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- Leandro, Maria Elisa. *Irene Lisboa educadora: Caminhos e (des)caminhos da educação de infância*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1997.
- Leandro, Maria Elisa. “Lisboa, Irene do Céu Vieira”. Em *Dicionário de educadores portugueses*, editado por António Nóvoa, 773-784. Porto: Edições ASA, 2003.
- Pintassilgo, Joaquim e Áurea Esteves Serra. “A ‘Educação Feminina’ (1913): Um projeto das normalistas de Lisboa”. Em *A Escola Normal de Lisboa e a for-*

mação de professores: Arquivo, história e memória, editado por Joaquim Pintassilgo e Lurdes Serrazina, 79-98. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

Relatórios das viagens de estudo dos bolseiros Áurea Judite do Amaral, Jaime Maximiano Gouveia Xavier de Brito, João de Sousa Carvalho, Irene do Céu Vieira Lisboa, José Cláudio Rodrigues Miguéis, Ilda da Ascensão Moreira e António Leal de Oliveira. Lisboa: Junta de Educação Nacional, 1933.



Relatórios das viagens de estudo dos bolseiros Áurea Judite do Amaral, Jaime Maximiano Gouveia Xavier de Brito, João de Sousa Carvalho, Irene do Céu Vieira Lisboa, José Claudino Rodrigues Miguéis, Ilda da Ascensão Moreira e António Leal de Oliveira. Lisboa: Junta de Educação Nacional, 1933.

Relatório da bolsreira Irene do Céu Vieira Lisboa (pp. 69-186)

Crítica à atividade da «Maison des Petits» anexa ao Instituto J. J. Rousseau (pp. 71-78)

À distância de dois anos quasi da minha chegada a Genebra, e portanto da minha primeira visita à «Maison des Petits», quero lembrar as minhas primeiras impressões e ver que é que delas me ficou que mereça ser atribuído a factos reais e repetidos, formando o ambiente e a atividade normal desta escola, e não puramente à estranheza que um lugar desconhecido provoca.

Lembro-me de ter achado as salas feias e atravancadas, de notar que havia material de aprendizagem de sobra, que as crianças permaneciam tempo demasiado nas classes e que as ocupações eram geralmente pouco espontâneas.

As crianças, entre 4 e 5 anos, a par de quem primeiro me sentei, coloriam folhas de plátano previamente desenhadas (contorno) pelas professoras. Notei depois que havia profusão de papelinhos com este modelo e que as crianças os iam buscar para colorir.

Vi nesse mesmo dia, ou em outro, ramos destas folhas secas numa jarra e soube que as crianças os tinham trazido.

O assunto ocasional servira a conversas e a outras ocupações derivadas. A professora considerara este assunto bom ponto de partida para a concentração do interesse e da atividade manual.

Dos ditos desenhos o que primeiro e mais me impressionou foi a importância atribuída ao colorido. Ensinava-se a colorir. A forma era dada, exigia-se só o seu preenchimento. Verdade era que as crianças coloriam como queriam e ninguém as forçava a apuros nem ao respeito das formas (isto é, a não ultrapassar o contorno). Mas se o primeiro interesse da criança que começa a manejar um lápis é riscar, e tendo cores à sua disposição é experimentá-las, é evidente que um contorno dado — um limite — não a educa, nem a interessa. Cingi-la a qualquer forma importa menos que dar-lhe espaço franco e liberdade de rabiscar. E se se espera que ela comece a fazer as suas representações, todo o modelo imposto (modelo desenhado) a desviará do esforço da procura da forma.

O propósito educativo de lhe pôr debaixo dos olhos a representação correta, sob o ponto de vista do adulto, atropela a fase das representações informes e reduzidas,

úteis numa idade em que há esquemas particulares, uma notação muito especial do que interessa, e em que as satisfações são dependentes das capacidades.

Do que digo se depreende que os primeiros desenhos que vi fazer na «Maison des Petits» me desagradaram. O modo como as professoras se moviam na classe, cauteloso, falando muito baixo, exercendo uma repressão suave mas firme, também me desagradou. Qualquer grito ou qualquer gesto mais vivo eram atalhados com o som de um harmónio de boca que cada professora trazia consigo.

A ideia de educar e de disciplinar evidenciava-se. Na escola tudo correspondia a um fim preestabelecido e mantido.

A sensação de constrangimento, de que ouvi falar a outros visitantes adultos, tolhia-me. Sentia vagamente que o direito de crítica, de observação livre, me era retirado. Via-me forçada a entrar num quadro formado, graduado, e para o apreciar devia abdicar de toda a influência exterior. Realmente a frequência da escola foi-me habituando a conhecê-la e a ajuizar dos seus processos. No meu relatório do ano passado, subordinado a este estado de espírito, limitei-me a descrever as atividades da escola e especialmente as técnicas do ensino. Este ano, porém, tentarei pôr em relevo o espírito da escola ou o seu ideal de educação.

Afigura-se-me mais fácil a crítica de reprovação do que a de aprovação, a esta ou a qualquer outra instituição. E simplesmente porque a observação dos factos nos mostra umas certas insuficiências que o nosso espírito, dentro dos seus limites, procura suprir.

Assim me justifico da crítica não tendenciosa que me proponho fazer e que baseio em notas e na minha memória.

A «Maison des Petits» tem duas classes mistas, uma de crianças de 4 a 5 anos e a outra de 5 a 6. Que é que as crianças fazem durante um dia de escola, das 8 ½ às 11 e das 14 às 16 horas? (Das 11 às 14 vão a casa).

Trabalham e jogam, mas os jogos correspondem geralmente a um fim educativo e de aprendizado, incluído sub-repticiamente no material.

Devo excetuar os jogos de ar livre e certas construções de que adiante falarei.

Quais são os trabalhos executados na «Maison des Petits»?

Não desconvém tentar definir trabalho e jogo. *Trabalhar*, se não compreende sempre um fim utilitário, compreende uma aplicação séria, sem ficção. *Jogar* é uma atividade destituída de todo o utilitarismo e mais ou menos subordinada à ficção.

Estas duas definições não bastam para definir o trabalho do jogo, porque bastantes vezes nos vemos embaraçados para saber o que é o sério e o que é o fingido, o aplicado e o desinteressado para a criança. E a escola, por seu lado, tende

a confundir o jogo e o trabalho com o fim de conduzir a criança mais facilmente à aquisição da cultura.

Consideremos no entanto trabalho para a criança, dentro da escola, toda a ocupação limitada e mais ou menos aplicável a um ensino graduado.

Os trabalhos da «Maison des Petits», assim considerados, são:

O desenho, a colagem, a modelação, a picotagem, o recorte, a tecelagem e o emprego do material didático.

Estes trabalhos são aproveitados para o ensino do cálculo, sobretudo e também para o da leitura e da escrita. Não são trabalhos livres, visam quasi sempre a um fim extrínseco ao gosto de desenhar, de recortar, etc.

As crianças recortam e colam letreiros de nomes e algarismos; contornam e colorem objetos que formam as chamadas figuras numéricas De Lay; modelam algarismos; colam simetricamente discos de cor (cópias de *bouliers* ou contadores que enchem); picotam e cosem algarismos em cartão; etc.

As professoras têm um cuidado especial de prover os alunos de material de aprendizado abundante.

A par dessas ocupações há o recorte de bonecos de catálogos, desenho, aguarelas e colagens sem modelos.

As crianças não são obrigadas a um trabalho determinado, nem há horário para a distribuição dos trabalhos durante o dia; no entanto, aqui, como em toda a parte, há a sugestão das ocupações, que se generalizam. São raras as crianças que por interesse ou temperamento particulares se subtraíam a esta sugestão. Este inverno ocupei-me de uma, cujo caráter estudei na monografia que enviei em março.

Os trabalhos livres e de imaginação não estão muito em favor na «Maison des Petits».

Apesar de tudo, este caráter servil do trabalho manual em relação às didáticas tende a modificar-se.

Notei com gosto que a professora da classe dos mais pequeninos aboliu este ano as *superfícies geométricas* para contornar, o que deu em resultado desenhos e aguarelas muito mais espontâneos e variados.

Lembro-me de ter visto no ano passado uma das professoras pretender subordinar várias atividades das crianças a uma lição sobre o homem primitivo: conversa, desenho, modelação. Os resultados eram precários. A atenção das crianças e o interesse não coincidiam com o fim que a mestra tinha em vista. O homem primitivo não passou a existir para elas e os trabalhos eram feitos sem entusiasmo.

Passando agora aos jogos dentro de casa noto que de um ano a outro se acentua a mesma evolução que com o trabalho manual.

O jogo mais usado é o de construção com blocos: cubos seccionados de vários modos e furados, rodas, pranchas, etc. No ano passado os blocos que havia só serviam à imitação de objetos, mas em ponto pequeno. As crianças brincavam com eles em cima de estrados. Este ano há novo material, grande. As mesmas formas e outras e tábuas e parafusos. É empregado na classe dos mais pequenos. A outra classe continua a empregar os antigos blocos sobre mesas e estrados, mas as construções são mais variadas porque lhes juntam guitais, caixas, bandeiras, bonecos, etc., e se servem de parafusos.

A classe dos mais pequenos foi a mais favorecida de inovações. Os blocos grandes são uma das mais interessantes. Os estrados foram retirados. As crianças constroem no chão, e como o material é proporcionado aos seus tamanhos fazem casas, barcos e automóveis onde se sentam. O seu simbolismo não se restringe às imitações miniaturais: brincam a valer exercendo os papéis reais que o jogo lhes sugere.

Outra novidade gentil são as pequenas paredes ambulantes que isolam os cantinhos de brincar. Não são biombos. São quadros de madeira e papelão com uma janelinha guarnecida de cortinas. Postos de ângulo contra a parede formam recantos ou casas onde as crianças brincam. As bonecas que até aqui permaneciam nos berços passaram a tomar grande importância. A casa com a janelinha engendrou a ficção mais desenvolvida. Vejo fazer e desfazer camas, sacudi-las à janela, ornamentar a casa com cartões de bonecos, etc. Tanto meninas como meninos se interessam por esta brincadeira.

Já falei do desenho, da aguarela e da colagem, que este ano tomaram orientação nova nesta classe. A preparação direta (ou muito próxima) para o aprendizado, a ocupação com rendimento medido, cede campo às atividades livres.

As crianças recortam pouco (trabalho por que sempre as vi interessar-se), mas pintam, modelam, constroem, e brincam dentro das construções e das casinhas.

O material educativo, propriamente, contadores, lotos, etc., deixou de ser apreciado. Noto que as crianças, absorvidas pelas brincadeiras que inventam e que o material novo da classe lhes sugere, deixam de parte o material rígido, intransfigurável. Um *boulier* ou contador serve para preencher de bolas de cor, mas não representa para a criança um motivo de jogo, nem uma produção.

A classe dos mais velhos não participou da mesma liberdade de novidades que a dos mais novos. Certos jogos do ano passado, capitaneados pela mestra, não se repetem, mas outros há que os substituem, embora melhorados. No ano passado havia a granja. Uma casa de armar e desarmar que a professora construía peça a peça, nomeando-as, e descrevendo a vida do lavrador.

Este desejo de informar, de alargar o mundo conhecido com as representações do que está longe ou já não existe, muito pouco adequado ao interesse de crianças

destas idades, que se ocupam sobretudo do imediato, tende a desaparecer, mas não sem relutância.

Este ano foi construída uma casa em que as crianças trabalharam. As paredes, de madeira, estavam feitas. Os tapetes, os *abat-jours* e os bonecos de papel foram cortados e pintados pelos alunos. No entanto, tal casa foi da iniciativa da professora... e conservou-se intacta sobre uma mesa durante meses...

Esta classe ainda tem muito acentuado o ar de oficina escolar.

Quer uma, quer outra classe estão forradas de prateleiras e armários. Mas nesta os artefactos do ensino: *bouliers*, letreiros de nomes, folhas de formações de números, etc., afeiam-na. Na ausência dos alunos, estando as construções desfeitas, ninguém suporá que ali se faz mais do que aprender, e intensamente.

No entanto, num dos últimos dias de aula vi as crianças repartidas por duas únicas atividades, que se não podem chamar exclusivamente escolares: modelar e desenhar. Todo o material de aprendizado repousava. As modelações eram encantadoras e as crianças pareciam muito animadas. Pensei que o gosto de produzir e o género de material os interessava mais que o outro, destinado a um fim seco e limitado.

Pensei também que as crianças deixadas livres revelam instintivamente as suas preferências e que a ocupação mais próxima do jogo, participando embora da seriedade do trabalho, é a produção de objetos manuais. O prazer com que a criança se dá à fabricação de bonecos de barro, ao recorte e ao desenho, mostra que a imaginação que no jogo livre animava toda a sua atividade, achou novo meio de se expandir. Porém, o desvio deste interesse para as produções subsidiárias de qualquer aprendizado sufoca a expansibilidade da criança, desfigura-lhe os modelos pessoais.

No meu relatório do ano passado mal fiz referência aos jogos de ar livre de «Maison des Petits». Havia pouco de que falar. O pátio ainda estava nu e as brincadeiras não davam margem a considerações de interesse especial. Este ano, porém, há material novo em quantidade: baloiços, pranchas, varões, troncos, grades, areia, etc.

Os montes de areia estão limitados por troncos. Os baloiços são formados por tábuas assentes em troncos. As gradezinhas de madeira são transportáveis. Dentro de uma dessas grades há uma casa de papelão semelhante às da classe dos mais pequenos. À roda dos pés das árvores foram armados canteirinhos que as crianças cuidam. Há duas bicas de água de que as crianças se servem constantemente. Regam os canteiros, o chão, ensopam a areia, etc. Os utensílios de brincar com a areia e regadores e bolas são limpos ao fim de todos os recreios e guardados num barracão.

É digno de menção um material simplicíssimo que tem servido a interessantes jogos: blocos de madeira velha, achas cortadas todas do mesmo tamanho, como aqui usam gastar durante o inverno. Estas achas têm servido para construir barcos e casas em ponto grande.

O material de brincar no pátio permite as construções e as brincadeiras ativas e simbólicas. O tempo do jogo ao ar livre, muito mais longo que no ano passado, dá às crianças a liberdade dos entretenimentos prolongados.

Em resumo

A «Maison des Petits» partiu do montessorismo, que praticou durante anos. Cultiva a educação sensorial, embora utilizando um material que não dá aso à grande especialização de exercícios preconizada por M.^{me} Montessori (material Lafendel e Audemars, derivado do Montessori) e usa, como ela, meios fáceis e didáticas elementares para dar os primeiros conhecimentos escolares:

Bouliers, ou contadores, de bolas de cores para enfiar e contar; algarismos de madeira para contornos e coloridos, picotados e cosidos; cartões com figuras aritméticas para reproduzir por imitação, ou emparelhar (as figuras aritméticas são dadas pela disposição regular, crescente, de rodas de papel preto sobre fundo cinzento – a disposição destas figuras é a do sistema de Lay, que toma por base o 2, duas rodas, colocadas ao alto : : ::), etc.

A «Maison des Petits» realiza perfeitamente o tipo da instituição pré-escolar, com integração lenta nos futuros trabalhos de classe. Põe nas mãos da criança um tipo de material graduado que a inicia no cálculo, especialmente, e um pouco na leitura. A mais que M.^{me} Montessori emprega o trabalho manual como auxiliar destas iniciações – recortes, colacos, picotados, etc.

O princípio montessoriano da autoeducação por meio do material, do ensino individualizado, faz parte do espírito da «Maison des Petits». As suas diretoras quiseram, porém, introduzir-lhe um outro princípio, talvez mais frutuoso - o do jogo, função genérica de toda a atividade infantil.

Montessori receia que a criança, aplicando o seu material com fantasia e jogando com ele livremente, perca o proveito que o seu emprego exato, cheio de intenções pedagógicas, lhe deve dar. Pelo que banii do seu sistema o jogo e o trabalho manual, que considera inúteis. Entende ela que os elementos de cultura se adquirem mais facilmente com menos variedade de exercícios, isto é, com exercícios de concentração e não de dispersão, do que com exercícios facultativos, quanto à natureza da sua utilidade.

Na «Maison des Petits» nota-se uma mistura destes dois conceitos: a educação pela atividade livre e pela imposta. As tendências das crianças, o seu gosto de se ocupar e de produzir, são explorados em proveito dos conhecimentos escolares, mas é-lhes dada, ao mesmo tempo, uma relativa liberdade de jogar, ou de

desenvolver a imaginação pessoal. Apesar do que acabo de dizer ainda se sente muito constrangimento nesta escola. O ponto de vista pedagógico, de formação, prevalece sobre o psicológico, de expansão. Como exemplo, considere-se a fê posta no material didático a que a criança é quási obrigada: jogos de volumes e de cores e folhas de numeração, etc. Lembrem-se ainda os modelos de desenho (contorno prévio da professora), o diapasão de voz obrigado, os movimentos de deslocação cautelosos, a intervenção constante da mestra nos conflitos infantis (uma espécie de moral falada, insistente, de aprovação e de reprovação), etc.

O espírito da escola é demasiado metódico e rigorista, prevalecem nela os exageros, as exigências de uma educação de curtos limites. Montessori, limitada no seu material e tendo criado exercícios para a análise e a educação dos movimentos (seguir direções, acarretar objetos, etc.), permite, em todo o caso, muito mais franqueza de movimentos e de atitudes que a «Maison des Petits». Nesta, todos os jogos têm lugares: estrados, mesas, etc. Na escola Montessori a criança vai buscar o seu jogo e escolhe um lugar.

A meu ver, os educadores pretendem adaptar a escola à criança, observando-a na própria escola. Este meio é naturalmente repressivo e as liberdades que inspira acanhadas.

Genebra, Julho de 1931

